

A CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE FREUDIANA SEGUNDO A FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Rafael Dantas 1; Caroline Vasconcelos Ribeiro 2

1: Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rafaelsdantas@yahoo.com.br

2: Orientadora: Dr^a Caroline Vasconcelos Ribeiro, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carolinevasconcelos@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Ciência Natural, Freud, Heidegger;

INTRODUÇÃO

Na obra *Seminários de Zollikon* encontramos os conteúdos das palestras ministradas por Heidegger a psiquiatras e estudantes de psiquiatria suíços. Esta obra é composta pelas atas dos referidos seminários (1959-1969), além dos diálogos taquigrafados entre o filósofo e o psiquiatra Medard Boss (1961-1972) e das cartas de Heidegger enviadas a este (1947-1971). Ao longo dos seminários, Heidegger (2009) tratou de estabelecer as diretrizes para a desconstrução da teoria psicanalítica, tomando como base de sua argumentação a concepção de homem enquanto *Dasein*, oriunda da analítica existencial formulada em *Ser e Tempo* (1997).

O ponto de partida desta desconstrução foi a indicação heideggeriana de que a dimensão mais fundamental do existir humano não se ancora na representação de objetos e sim na compreensão pré-teórica das coisas que estão no mundo. Em suas palestras na Suíça, Heidegger afirmou que a ciência psicanalítica é formulada com base num saber que não considera este elemento fundamental da existência humana e que, em consequência disso, não é totalmente adequada para pensar os fenômenos humanos, saudáveis ou patológicos. Na medida em que aponta a inadequação da Psicanálise na abordagem do ser humano, o filósofo enfatiza que a teoria psicanalítica é elaborada com base no método arquitetado para as ciências naturais, tributário da metafísica moderna, o que equivale dizer que a psicanálise freudiana é uma ciência natural. Foi com base nesta proposição que conduzimos a nossa pesquisa.

O trabalho aqui resumido consiste na apresentação de resultados oriundos da investigação acerca dos fundamentos que sustentam a classificação da psicanálise como uma ciência da natureza. Considerando o inusitado dessa afirmação, bem como as divergências que existem entre epistemólogos e estudiosos da psicanálise quanto à cientificidade desta disciplina, estabelecemos um debate entre a proposição de Heidegger e as de alguns comentadores que concordam, ou não, com a categorização da psicanálise como uma ciência natural.

MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O plano de trabalho ao qual se relaciona este resumo expandido está vinculado a uma pesquisa cuja natureza metodológica é bibliográfica. A pesquisa se pautou, primordialmente, na leitura e problematização da obra em que Heidegger dirige seu olhar filosófico para a psicanálise freudiana, a saber, *Seminários de Zollikon*. No que tange a Freud, utilizamos, principalmente, seus *Artigos sobre Metapsicologia*. (Freud, 1996a, 1996b e 1996c).

Usamos, ainda, o recurso de comparar a posição de Heidegger com a de comentadores e epistemólogos da psicanálise freudiana, a saber: Paul Ricoeur, Monzani, Loparic, Hilton Japiassu e Leopoldo Fulgencio. Tendo a argumentação

heideggeriana como fio condutor, investigamos as características relativas ao que o filósofo nomeia de Ciência Natural e as relacionamos aos procedimentos investigativos do pai da psicanálise. Depois, fizemos o contraponto entre a perspectiva heideggeriana e as abordagens que avaliam o estatuto científico da psicanálise de modo distinto. Nessa etapa, usamos os trabalhos de Japiassu: *O eclipse da psicanálise* (2009) e *Psicanálise: ciência ou contraciência?* (1998). Comparamos a argumentação exposta por Japiassu com outras leituras de inspiração heideggeriana, tais como as de Fulgencio e Loparic. A partir deste debate, percebemos que, de acordo com a interpretação que se dá à parte especulativa da psicanálise – a metapsicologia – o estatuto epistemológico do campo de saber criado por Freud se modifica. Por conta disso, realizamos uma investigação acerca dos sentidos dados à metapsicologia, seus conceitos, funções e fundamentos filosóficos. Para tanto, usamos trabalhos de Fulgencio: *Kant e as especulações metapsicológicas em Freud* (2003); Monzani: *Freud, o movimento de um pensamento* (1989); Loparic: *Além do Inconsciente – sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise* (2001) e *O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia* (1999) e, por fim, de Paul Ricoeur: *Da interpretação: ensaio sobre Freud* (1977).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Na elaboração desta pesquisa procuramos seguir a trilha aberta por Heidegger para a difícil classificação da psicanálise como uma ciência natural. Vimos que esta designação não é hegemônica e que existe um amplo debate em torno do estatuto epistemológico deste campo de saber. Com o objetivo de explicitar os fundamentos filosóficos que autorizam Heidegger a imprimir-lhe este tipo de classificação, realizamos uma investigação sistemática de leituras que advogam por uma abordagem diferente. As concepções acerca do estatuto científico da psicanálise freudiana que sofreram questionamentos durante a pesquisa foram as seguintes: a psicanálise é uma **pseudociência**; a psicanálise é uma **contraciência**; a psicanálise é uma **hermenêutica**. A partir de um exame rigoroso dessas três argumentações, concluímos nossa análise visando colocá-las em xeque e, em contrapartida, almejando fundamentar a tese heideggeriana de que a psicanálise é uma **ciência natural**. Os resultados de nossa pesquisa podem ser expressos, de modo sumário, nos seguintes argumentos:

1-A psicanálise não é uma pseudociência: Vimos com Japiassu (2009) que, ao classificar a psicanálise como *pseudocientífica*, os racionalistas críticos (como Karl Popper e Skinner) e os positivistas lógicos (como o filósofo Wittgenstein) partem de um critério de demarcação da ciência em que o fator determinante de legitimação científica passa pelos critérios da *verificabilidade* e *refutabilidade* dos fenômenos abordados por determinada disciplina, bem como dos resultados obtidos com a investigação. Neste sentido, a psicanálise é relegada ao campo dos discursos mitológicos, pois lança mão de conceitos especulativos, ou seja, não verificáveis, para explicar os seus fenômenos. Fulgencio (2003), na obra *Kant e as especulações metapsicológicas em Freud*, efetua um rigoroso estudo sobre a função das especulações na teoria freudiana. Para o autor, a utilização de conceitos especulativos e ficcionais consiste numa prática comum a qualquer ramo das ciências naturais, como a física e seus conceitos de força, por exemplo. Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger (2009) nos aponta que o aval para a utilização de conceitos especulativos é assegurado por Kant, na medida em que este filósofo moderno advoga pela presença de elementos metafísicos subjacentes às ciências da natureza. Como afirma Ribeiro (2008, p.142), para Kant as ciências da natureza podem estabelecer princípios, isto é, leis que não são empíricas, que não se dão na

intuição *a priori*, mas que regulam o uso do entendimento, determinando sua extensão. Podemos concluir que a refutação da cientificidade da psicanálise por conta do uso de conceitos especulativos não se sustenta se tivermos no horizonte a concepção de ciência da natureza avalizada por Kant e se entendermos que a função dessas especulações é apenas heurística. Essa herança kantiana presente na ciência de Freud foi detectada por Heidegger nos *Seminários de Zollikon*.

2-A psicanálise não é uma *contraciência*: Hilton Japiassu (1998) avalia que a psicanálise é científica quando analisada a partir do método que ela utiliza para abordar os fenômenos que lhe cabem na investigação, porém, considera que os resultados dessa investigação negam o fundamento máximo de toda ciência, a saber, a razão, uma vez que postula que as ações humanas são condicionadas por processos inconscientes. Isso significa, para o autor, que a metodologia adotada por Freud não é suficiente para caracterizar a psicanálise como uma ciência, pois o conhecimento gerado por esta disciplina é *contracientífico*, visto que desestrutura o fundamento da própria ciência. No entanto, a partir da argumentação heideggeriana, percebemos que, com as ciências modernas, o conceito de método não fica restrito apenas a um instrumento do processo de investigação científica, ele passa a se referir a uma pressuposição ontológica de que o fenômeno, para ser abordado cientificamente, tem que, necessariamente, ser tomado como objeto. A pressuposição da realidade objetiva caracteriza o solo no qual se erguem todas as ciências naturais. Deste modo, o saber freudiano pode até ter abalado a perspectiva do sujeito do moderno por ousar ir além da consciência e instituir o inconsciente, porém, não abala o real fundamento da ciência, a saber, a pressuposição objetiva da realidade. Para Heidegger (2009), o que é formulado pela teoria psicanalítica é a transposição do método científico natural, elaborado pela filosofia moderna, para a abordagem dos fenômenos humanos, tomados como objetos.

3-A psicanálise não é uma *hermenêutica*: Paul Ricoeur (1977) sustenta a tese de que a psicanálise investiga os fenômenos humanos ligados a relações internas, de sentido, passíveis de serem interpretados. Ao analisar o desenvolvimento da teoria psicanalítica, ele afirma que o mecanicismo característico das primeiras obras de Freud vai, gradualmente, cedendo espaço a uma teoria que visa cada vez mais a busca pelo sentido. Na perspectiva do pensador francês, esta jornada teórica rumo à identidade hermenêutica da psicanálise tem a sua culminância na elaboração do conceito compósita de pulsão. Pelo fato de a pulsão só se manifestar a partir de representações psíquicas, advoga Ricoeur, o fator interpretativo suplantara o energético, desvencilhando, deste modo, a psicanálise das amarras mecanicistas e naturalistas características das primeiras obras de Freud. Monzani (1989, p.89) define esta tese de Ricoeur como uma “curiosa solução”, e a contesta a partir do simples argumento de que o fato de as pulsões se exprimirem através de representações psíquicas não significa que a força que lhe impõe movimento, desapareça. A análise de Heidegger sobre o conceito de pulsão segue no sentido contrário do que foi proposto por Ricoeur. Para o filósofo alemão, o conceito de pulsão é um emblema do naturalismo e do mecanicismo da psicanálise freudiana. Nos *Seminários de Zollikon*, com o intento de demonstrar a inadequação categorial da modulação do ser humano em termos físico-químicos, Heidegger se empenha em evidenciar que, ao elaborar uma tese que se refere a forças pulsionais atuantes no interior de um psiquismo mecanizado, Freud assume o pressuposto ontológico de que os fenômenos psíquicos podem ser abordados objetivamente e, como tais, podem ser naturalmente dispostos numa cadeia de relações causais.

Uma vez que o enquadre do estatuto científico da psicanálise nas categorias pseudociência, contraciência e hermenêutica é passível de refutação, podemos concluir que, se abordados à luz da ontologia de Heidegger, os argumentos usados para tais classificações não se sustentam. A partir de um olhar criterioso voltado para o fundamento, para os pressupostos ontológicos subjacentes ao arcabouço da teoria freudiana, percebemos: 1) a influência do programa kantiano para as ciências da natureza na formação científica de Freud; 2) A presença marcante dos preceitos da escola de Helmholtz e suas pretensões fisicalistas; 3) O pressuposto da objetividade de todos os fenômenos; 4) A utilização de uma semântica oriunda da física e o uso de analogias com aparelhos para descrição dos fenômenos humanos; 5) O recurso a uma linguagem objetificante e naturalizante para descrever um ente que não tem o estatuto de coisa natural.

Em função da marcante presença desses elementos no fazer científico de Freud, podemos concluir, com Heidegger, que o pai da psicanálise se enquadra no rol dos cientistas naturais do seu tempo. Aliás, essa foi a grande pretensão e meta do psicanalista. Acreditamos que o esforço de Freud para que sua psicanálise recebesse o estatuto de ciência natural foi exitoso.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. “A pulsão e seus Destinos”. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Imago Editora. Vol. XIV, 1996a.
- FREUD, S. “Esboço da psicanálise. Capítulo VII: O aparelho psíquico e o mundo externo”. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Imago Editora. Vol. XXIII, 1996b.
- FREUD, S. “O Inconsciente”. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Imago Editora, Vol. XIV. 1996c.
- FULGENCIO, L. “Kant e as especulações metapsicológicas em Freud”. In: *Kant e-Prints – Vol. 2*, 2003
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 1997
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2009.
- JAPIASSU, H. *Psicanálise: ciência ou “contraciência”?* Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- JAPIASSU, H. *O eclipse da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 2009.
- LOPARIC, Z. “O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia” in: Machado, J. (org) *Filosofia e Psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999.
- LOPARIC, Z. “Além do Inconsciente – sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise”. In: *Natureza Humana*. São Paulo: EDUC, vol. 3.n 1, 2001.
- MONZANI, R. L. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 1989.
- RIBEIRO, C.V. “Freud se encaixaria no rol dos operários (Handwerker) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana” in: *Aprender – caderno de filosofia e psicologia da educação*. Vitória da Conquista: Edições UESB, n.10. jan/julho. 2008.
- RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.